

No departamento de... não, é melhor não dizer o nome do departamento. Não há nada mais suscetível do que departamentos, regimentos, chancelarias, enfim, de tudo quanto seja função pública. Hoje em dia, qualquer particular toma qualquer crítica à sua pessoa como um insulto a toda a sociedade. Ouvi dizer que, ainda não há muito tempo, um comandante da polícia de uma cidade cujo nome não me ocorre enviou uma queixa em que afirma claramente que todos os decretos governamentais são desrespeitados e que o seu santo nome — dele, do comandante — é invocado absolutamente em vão. Como prova, anexou à petição um enormíssimo tomo com uma obra romântica qualquer em que, de dez em dez páginas, aparece um comandante da polícia, às vezes num estado de com-

pleta embriaguez. Assim, para evitar qualquer eventualidade menos agradável, é melhor designarmos o departamento em causa por *um certo departamento*.

Pois bem, *num certo departamento* prestava serviço *um certo funcionário*; não se pode dizer que esse funcionário fosse digno de nota: curto de pernas, ligeiramente picado das bexigas, arruivado, a vista aparentemente um pouco imperfeita, fronte um pouco calva, rugas em ambas as faces e uma dessas cores de pele a que chamam hemorroidal... Nada a fazer, a culpa é do clima petersburguense! Quanto ao grau (porque, entre nós, o grau vem em primeiro lugar), era aquilo a que se chama um conselheiro titular *ad aeternum*, bombo da festa dos escritores que têm o hábito recomendável de se meter com quem não pode mostrar-lhes os dentes.

O apelido do dito funcionário era Bachmatchkin, nome que vem, como é bom de ver, de *bachmak*¹, mas em que época e por que via derivou de *bachmak* não sabemos. O pai, o avô e até o cunhado, todos os Bachmatchkin, sem exclusão, usavam botas, apenas mandando pôr meias-solas de três em três anos. O nome e o patronímico eram Akakii Akakievitch. Ao leitor, o nome pode parecer um pouco estranho, inventado, forçado,

mas posso assegurar que foi escolhido sem recurso a qualquer invenção, e que a força das circunstâncias tornou impossível que lhe fosse aposto outro nome que não este. Tudo aconteceu da seguinte maneira:

Akakii Akakievitch nasceu em 23 de março, ao cair da noite, se não me falha a memória. A sua mamã, Deus a tenha, viúva de um funcionário e uma excelente mulher, preparava-se para batizar o menino como é devido. Ainda na cama, que ficava em frente da porta, tinha à sua direita o padrinho, Ivan Ivanovitch Erochkin, um excelentíssimo homem, chefe de secção no Senado, e a madrinha, a esposa de um chefe de esquadra, mulher de virtudes raras, de nome Arina Semionovna Belobriuchova. À parturiente foram apresentados três nomes à escolha: Mokkia, Sossia ou, se preferisse, o do mártir Khozdazat.

“Mas não!”, pensou a mãe, “não...”

Para a acalmarem, abriram o calendário noutra folha, onde constavam outros três nomes: Trifilii, Dula e Varakhasii. E a progenitora exclamou:

— Meu Deus! Só nomes antigos! Palavra, nunca ouvi nomes assim. Se ainda fosse Varadat ou Varukh, vá que não vá, mas Trifilii e Varakhasii...

Viraram mais uma página e saiu Pavsikakhii e Bakhticii. E a mãe disse:

— Vejo que é a sina dele. Então, que seja o nome do pai. O pai era Akakii, que o filho seja também Akakii².

E assim temos Akakii Akakievitch. Batizaram o menino, que berrou e fez uma careta como se previsse já que ia ser conselheiro titular.

Pronto, foi assim que tudo se passou. Fizemos este excurso para que o leitor veja por si próprio que foi unicamente a necessidade que ditou o nome e que outro qualquer era impossível.

Quando, com que idade entrou para o departamento e com a recomendação de quem, disse ninguém se lembra. Os diretores entravam e saíam, as chefias mudavam, mas ele mantinha-se sempre no mesmíssimo lugar, na mesmíssima posição, a fazer o mesmíssimo trabalho de sempre — amanuense, copiava documentos; tanto que havia quem jurasse que viera ao mundo assim, tal qual, com a farda e sem cabelo. No departamento ninguém lhe tinha respeito. Os contínuos não só não se levantavam quando entrava, nem sequer olhavam para ele; podia muito bem ser uma mosca que atravessava a sala de recepção. Os chefes tratavam-no

com uma frieza despótica. Um qualquer subchefe de secção metia-lhe debaixo do nariz uma papelada, sem ao menos lhe dizer “copie-me isto”, ou “tome, trago-lhe aqui uma pera doce para se entreter”, ou qualquer outra das amabilidades que é costume dizer-se entre funcionários bem-educados. E ele aceitava tudo, dando apenas uma olhadela aos papéis, sem erguer os olhos para ver quem lhos tinha trazido e se tinha esse direito. Pegava nos documentos e punha-se imediatamente a copiá-los.

Os mais novos faziam troça, riam-se dele, ele era o consabido alvo das piadas e picardias habituais dos escritórios; contavam, mesmo à sua frente, histórias inventadas sobre ele e a senhoria, uma velhinha de setenta anos, diziam que ela lhe batia e perguntavam-lhe quando era o casório; outras vezes, despejavam-lhe em cima da cabeça papelinhos rasgados e diziam que estava a nevar. Akakii Akakievitch nunca respondia a nada, nem sequer com uma palavra, fazia como se não houvesse ninguém na sala; nada daquilo lhe afetava o trabalho: no meio da algazarra, não cometia um único erro de escrita. Só quando alguma brincadeira se tornava demasiado insuportável, ou quando não podia